



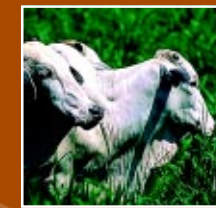
Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento, Conab, a produção de **cana-de-açúcar** 2005/2006 será de 450,2 milhões de toneladas. Desse total, 401,5 milhões de t serão destinadas à indústria sucroalcooleira. Para a industrialização de álcool serão reservadas 182,8 milhões de t, prevendo-se a geração de 17,5 bilhões de litros.



A Embrapa apresentou 14 novos **cultivares de soja** na 27ª Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil, realizado em agosto, no município de Cornélio Procopio (PR). Entre as novidades estão as variedades específicas para alimentação, outras com boa resistência aos nematóides de galha e cisto, entre outras.



Projeções do Departamento de Comércio Exterior da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, CNA, indicam que as exportações do agronegócio chegarão a **US\$ 43 bilhões** neste ano, contra US\$ 39 bilhões contabilizados em 2004. A diferença é resultado do aumento das exportações de café, carnes, açúcar, álcool, pasta de celulose e tabaco.



Informações divulgadas pelo Ministério do Trabalho revelam que o **agropecuária** foi o setor com o melhor saldo de empregos gerados em julho deste ano. Foram criados 32.447 postos de trabalho, resultado com o qual a região Sudeste contribuiu com 86% do total (28.044 empregos).



AO PÉ DO OUVIDO

► São Paulo gosta de uma boa viola



DIVULGAÇÃO: AMÉRICA ESTADO

No triângulo formado pelas cidades paulistas de Botucatu, Piracicaba e Sorocaba surgiram alguns dos maiores compositores de música sertaneja do país, autores de clássicos inesquecíveis como *Moda da Mula Preta*, *Tristeza do Jeca*, *Cabocla Tereza* e *João de Barro*, entre outras. A opinião é do professor Ricardo Anastácio, estudioso do assunto, que conta uma

boa parte das origens da música sertaneja no site criado e atualizado por ele: www.violatropeira.com.br

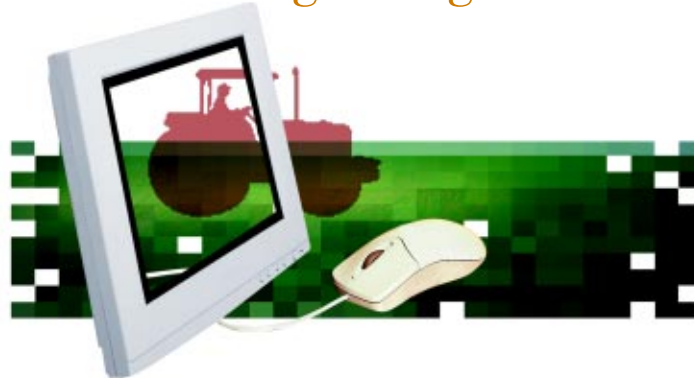
Um dos pioneiros da música sertaneja é Cornélio Pires, nascido em 1884, em Tietê (SP). "Escritor, jornalista, folclorista, em 1929 Cornélio levou algumas canções que havia composto às únicas gravadoras da época, a Philips e a Emi Odeon, que rejeitaram suas canções. Então, com recursos do próprio bolso, gravou um *longplay* em 78 rotações e vendeu todas as cópias. Logo, as gravadoras perceberam que música sertaneja vendia e se interessaram pelas obras dele", conta Ricardo.

Cornélio fundou um grupo chamado Teatro Ambulante, onde tocavam e cantavam compositores que criaram, eles também, clássicos sertanejos. Entre esses compositores, conhecidos como Bando do Cornélio, estavam Raul Torres e Angelino de Oliveira, autores de sucesso. "Do mesmo grupo saíram João Pacífico, Serrinha (autor de *Xitãozinho e Xororó*, composição que deu nome à famosa dupla sertaneja). Da segunda geração do bando fazem parte figuras como Tonico e Tinoco. Depois, vieram Zé Carreira e Carreirinho, Tedcy Vieira, autor de clássicos como *Menino da Porteira*, *João de Barro*, *Boaideiro Errante*, *Pagode em Brasília*, entre outros. Natural de Itapetininga (SP), Vieira é um dos maiores compositores sertanejos do país".

Para Ricardo Anastácio, clássicos sertanejos são canções que perduram pelos tempos e agradam tanto as antigas quanto as novas gerações.

BOA PROSA

IPA chega à região Norte



O crescimento do agronegócio depende, entre outros fatores, da capacidade do setor de planejar estratégias e incorporar inovações tecnológicas que garantam melhor produtividade e redução de custos. Foi com esse objetivo que o Ministério da Ciência e Tecnologia investiu na criação da Ripa – Rede de Inovação e Prospecção Tecnológica para o Agronegócio, que nasceu em 2003 e chega agora à região Norte do Brasil. A Ripa envolve entidades de governo, iniciativa privada e terceiro setor em torno de um sistema de inteligência competitiva estratégica, voltado ao desenvolvimento regional do agronegócio.

A proposta da rede é interligar o conhecimento desses setores,

organizando informações e contatos entre representantes das cinco regiões do país: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Para isso são empregados, por exemplo, mecanismos de compartilhamento de dados em tempo real e de monitoramento de demandas e ofertas tecnológicas do agronegócio brasileiro. A gestão das informações será feita de forma descentralizada, por meio de núcleos regionais, que formarão uma rede nacional virtualmente interligada.

Enquanto a formação dos núcleos é articulada, o portal da Ripa já funciona como uma base de dados na qual podem ser acessadas informações sobre projetos de pesquisa e desenvolvimento, cursos e eventos relacionados ao agronegócio.

A enxada garantiu a sobrevivência do homem

Antropólogos e arqueólogos concordam: o homem é o que é hoje graças às ferramentas que desenvolveu quando começou a descer das árvores para viver em cavernas. E é justamente nessa época, do período conhecido como neolítico, que surge a enxada. O homem primitivo precisava de um instrumento de caça. Pegou então uma pedra lascada, colocou-a na ponta de uma estaca, amarrando com uma fibra forte. Depois, criou o machado e percebeu que, se virasse a pedra para uma posição perpendicular, poderia usar o mesmo instrumento para cavar a terra. Assim nasceu a enxada, que permitiu o cultivo de alimentos.

As primeiras enxadas usadas no Brasil vinham da Inglaterra. Logo, o caipira brasileiro traduziu os nomes das enxadas inglesas para versões bem tupiniquins. Então, a enxada *Crocodile* virou Jacaré. E a *Double Head*, ou duas cabeças, foi traduzida para algo mais simples: Duas Caras.

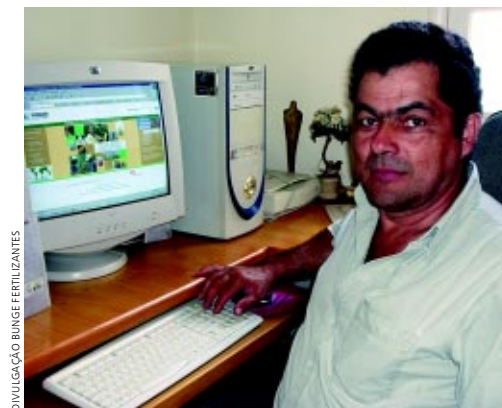
Mais informações sobre a enxada visite a página: <http://globo rural tv.globo.com>

O SUCESSO É VOCÊ

RENAN MALLMANN DE OLIVEIRA

Informação e conhecimento estão nas bases do desenvolvimento agrário

Para Renan Mallmann de Oliveira, assimilar tecnologias, investir na aquisição de conhecimentos, capazes de irrigar os campos com novos sistemas de plantio, ou outras inovações são premissas básicas para os agricultores dos tempos modernos, que vêm contribuindo para o surpreendente fortalecimento do agronegócio no país.



DIVULGAÇÃO: BUNGE FERTILIZANTES

Gaúcho de Santiago (RS), Renan Mallmann de Oliveira formou-se em Veterinária na Universidade Federal de Santa Maria, em 1982, e voltou para casa para administrar a propriedade da família, uma fazenda com mais de mil hectares, hoje localizada no município de Cipó do Campo (RS), distrito de Santiago que ganhou independência política.

"Optei por essa área porque a família trabalhava com gado de corte e eu buscava me preparar para dar continuidade à atividade", comenta. Mas as crises sucessivas do setor fizeram com que Renan compreendesse a importância da diversificação. Dois anos depois de assumir a administração da propriedade da família, decidiu produzir soja: "Comecei pequeno, com 70 hectares, movido pelas perspectivas de crescimento dessa cultura no Brasil." Quatro anos após iniciar o cultivo da soja, Renan dedicava 320 hectares para o grão.

FAZENDO FRENTE AO FUTURO

Renan sabe o valor da informação. Ele reserva uma parte de seu tempo para frequentar seminários e palestras sobre inovações relativas ao agronegócio. Foi em uma dessas palestras, promovidas por uma cooperativa do Paraná, que ele conheceu o

plantio direto, em 1989. "Achei a técnica muito interessante, porque, além de reduzir os custos com a produção, garante o uso mais racional do solo. E, para quem planta soja, essa preocupação é fundamental, porque pode significar a diferença entre lucro e prejuízo", explica.

Em 1990, 70% de suas terras eram cultivadas com a nova técnica e, no ano seguinte, ele estendeu o plantio direto para 100% de sua lavoura. Foi nessa época que ele começou a fazer rotação de culturas entre soja e milho, seguindo orientações obtidas em seminários, palestras e literatura especializada. "O ser humano cresce quando investe em conhecimento."

Hoje, Renan dedica 800 hectares à produção de soja e 350 hectares à de milho. Seus índices de produtividade são considerados bons para a região, com média de 41 sacas anuais de soja por hectare nos últimos 10 anos.

Em 1995, Renan conheceu a Bunge em um seminário. "O que me atraiu no posicionamento da Bunge foi justamente a proposta de parceria, que integra da compra de insumos à venda da produção, de modo que o produtor rural tem a tranquilidade de que tudo o que produzir será comercializado", assinala.

Segundo Renan, a transparência da Bunge fez da relação que ele mantém com a empresa uma parceria de sucesso: "Os contratos são claros, a relação é prática e objetiva. Em uma atividade cheia de incertezas, como a agricultura, uma parceria assim pode significar a diferença entre dormir ou não dormir à noite".

Casado, com duas filhas, Renan diz que a história da família continua: a filha mais velha, que estuda Arquitetura, já está assumindo as funções administrativas da propriedade.

BUNGE EM AÇÃO

► Manah é a marca mais lembrada pelos agricultores

A marca Manah, da Bunge Fertilizantes, recebeu em julho o prêmio *Top of Mind 2005* por ter sido a mais lembrada em pesquisa com 700 produtores rurais de todo o país. A marca teve 35,2% de preferência entre os entrevistados, vindo em segundo a Serrana, com 14,2%, em terceiro a Iap, com 7,2%, e em quarto a Ouro Verde, com 4,3%.

O prêmio é concedido pela revista *Mercado Comum*, importante veículo de economia e negócios de Minas Gerais.

► Delícia com novos e doces sabores



A margarina Delícia, da Bunge Alimentos, tem novos sabores: canela e provolone-maçã, definidos a partir de pesquisas e testes realizados junto a um amplo universo de consumidores. Mas as novidades vão além: pela primeira vez, o consumidor brasileiro vai experimentar uma margarina doce, com pedacinhos de fruta: é o sabor de canela e maçã, também assinado pela Delícia

A Bunge Alimentos anuncia ainda a reformulação da sua linha de óleos, com o retorno da marca Ville, o lançamento do Primor Fritura (que não exala cheiro) e o reposicionamento da marca Salada. Esta última – com óleos de girassol, canola, algodão e milho – ganha novas embalagens, com rótulos que destacam pratos especiais, para reforçar suas características de opção para os *gourmets*.

Um símbolo de responsabilidade social

Contribuir para o desenvolvimento da cidadania por meio de ações de valorização da educação e do conhecimento é a missão da Fundação Bunge, que comemora meio século de atuação no Brasil.



DIGNA/IMAGEM (CLOVIS FERREIRA)

Prêmio Fundação Bunge, Prêmio Professores do Brasil, Comunidade Educativa, RecriCriar e Centro de Memória Bunge: exemplos de cidadania empresarial.



A Fundação Bunge, braço social das empresas Bunge no Brasil, comemora 50 anos de atuação neste mês de setembro, priorizando ações ligadas ao ensino fundamental da rede pública, à preservação da memória empresarial e ao incentivo às Ciências, Letras e Artes.

À frente de programas e iniciativas como o Prêmio Professores do Brasil, os seminários e oficinas pedagógicas *RecriCriar – a pedagogia do possível* e o Centro de Memória Bunge, a Fundação Bunge também protagoniza um dos mais respeitados programas de voluntariado corporativo do Brasil: o *Comunidade Educativa*.

Implantado em 2002, o programa tem como proposta contribuir para o aperfeiçoamento do ensino fundamental – alunos de 1ª a 4ª série – em escolas públicas situadas no entorno das unidades Bunge. O *Comunidade Educativa* mobiliza mais de 750 voluntários – funcionários das empresas Bunge – que atuam em escolas situadas em 16 regiões, contemplando cinco estados brasileiros e levando seu trabalho a seis mil estudantes e 250 professores da rede pública de ensino.

A Fundação Bunge, precursora do que se convencionou chamar de terceiro setor, vem conferindo uma nova dimensão à prática da cidadania ao estabelecer sinergias entre programas que mobilizam milhares de cidadãos: intelectuais, educadores, autoridades governamentais, comunidades, pais, alunos e voluntários.

ENTRANDO CONFIANTE NO SEGUNDO TEMPO

Como seleção bem articulada que somos, entramos em campo com um grande time, craques de primeira linha: no meio de campo está você, nosso parceiro, amigo, cliente. Estão também nossos funcionários, fornecedores e colaboradores. Juntos, com muita garra e muita ginga, marcamos gols decisivos no primeiro tempo, mantendo o olho no lance, driblando adversidades, fazendo passes espetaculares, entrando no gol com bola e tudo.

Com ousadia, juntos fizemos bons gols de placa, como aquele do Pelé, que tirou o fôlego de meio time do Fluminense. E a cada nova entrada em campo temos sido homenageados com o aplauso e a torcida sincera de um estádio formado por milhões e milhões de brasileiros.

Chegamos agora, extremamente revigorados, ao segundo tempo, prontos para mais uma vez suar a camisa, improvisar novos lances, confirmar que somos uma seleção de campeões.

À imensa torcida, reiteramos frente ao Brasil – em seu nome, em nome de todos nós da Bunge – a promessa de jogar de maneira a superar a performance do primeiro tempo. Fazer sempre bonito em campo: estamos certos de que essa é a disposição e o compromisso de todos nós.

Mário Barbosa Sérgio Waldrich

Presidente da Bunge Fertilizantes Presidente da Bunge Alimentos



FOTOGRAFIA: FELIPE FERREIRA

TEM FESTA, FEIRA E EXPOSIÇÃO NA CIDADE

Papaya Brasil 2005 - Vitória (ES) - 4 a 7 de outubro
8ª Fiaflora - São Paulo (SP) - 4 a 7 de outubro
3ª Expocachaça - São Paulo (SP) - 12 a 15 de outubro
Expoagro 2005 - Maceió (AL) - 4 a 13 de novembro
Feisucro, Feira Internacional do Setor Sucrealcooleiro - São Paulo (SP) - 7 a 11 de novembro

NOVAS FRONTEIRAS

A China acena com boas perspectivas para o agronegócio brasileiro



PULSAR IMAGENS

Soja, etanol, açúcar, algodão: produtos que prometem fazer tilintar as caixas registradoras da balança comercial.

Analistas do agronegócio concordam: a China pode se tornar um grande parceiro comercial do Brasil. Segundo Carlo Lovatelli, presidente da Associação Brasileira do Agribusiness, Abag, e da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais, Abiove, uma análise estrutural do agronegócio naquele país revela que, a médio e longo prazos, há condições para que a China se converta em um grande importador de commodities tradicionais. Além da soja, Lovatelli estima que há um bom espaço para produtos como algodão, etanol, açúcar e couros. "Mas a conquista desse mercado se dará de forma lenta e gradual", assinala.

Segundo estimativas do Ministério da Agricultura, em 2020 a China terá 1,5 bilhão de habitantes, o que elevará o consumo de açúcar para algo ao redor de 20 milhões de toneladas por ano. Desse total, o país terá que importar cerca de 7,2 milhões de toneladas. Calcula-se que, no final da década, o Brasil, maior exportador mundial de açúcar, possa fornecer 4 milhões de toneladas desse produto, além de 2 a 3 bilhões de litros de álcool para os chineses.

Lovatelli assinala que, a despeito de um agronegócio potente, a China está pressionada pela escassez de água e de terras agriculturáveis, pelo desafio da conservação ambiental e da questão energética. "A agricultura será, por muito tempo, um tema relevante junto ao governo chinês, que perceberá a importância da definição de parcerias comerciais estáveis para a importação de produtos que o país não terá como produzir, entre eles açúcar, etanol e, até, carne bovina."

NOVAS FRENTES PARA O COMÉRCIO BILATERAL

Em junho, o Conselho Empresarial Brasil-China promoveu o seminário "A agricultura chinesa – evolução, tendência e impacto para o comércio internacional", em parceria com a Bolsa de Mercadorias & Futuros, BM&F, com o objetivo de avaliar as oportunidades do comércio bilateral. A principal constatação mostrou que, embora sejam dois gigantes agrícolas, há diferenças entre Brasil e China que podem resultar em negócios bilaterais consideráveis.

Entre os dados apresentados, al-

guns chamaram a atenção: em 2004, as vendas agrícolas do Brasil para a China somaram US\$ 2,6 bilhões, sendo a cadeia soja (grão e óleo) responsável por 80% desse montante. Nesse mesmo período, os fornecimentos chineses para o Brasil, na área agrícola, foram de US\$ 35 milhões.

Segundo o Conselho Empresarial Brasil-China, apesar do comércio entre os dois países ter crescido de US\$ 1,9 bilhão para US\$ 6,7 bilhões nos últimos cinco anos, os chineses compram do Brasil apenas 1% do total de suas importações. Lovatelli assinala que, no que diz respeito à soja, a China vem importando volumes crescentes desde 1998, atingindo no ano passado 6 milhões de toneladas de soja. "Esses dados mostram que o Brasil pode alavancar suas exportações, ao mesmo tempo em que a China tem potencial para ampliar as importações. Além da soja, há grandes possibilidades para a exportação de algodão, pois aquele país é um grande produtor de artigos têxteis e o Brasil pode se tornar um fornecedor importante", assinala Lovatelli.

DOCES PROMESSAS PARA O ALCÓOL

Um dos setores que faz uma aposta alta na China é o de álcool. Apesar de ser o terceiro maior fabricante mundial, o país é grande comprador do produto. Até a Olimpíada de 2008, em Pequim, toda a gasolina na China precisará conter 10% de etanol, o que abre enormes possibilidades para os produtores brasileiros.

BUNGE no campo

Uma publicação da Bunge dirigida aos produtores rurais.
Av. Maria Coelho Aguiar, 215 - Bl D - 5º andar - São Paulo - SP CEP 05804-900 Projeto e coordenação: Diretoria de Comunicação Corporativa Bunge Brasil Supervisão: Valdeci Roberto da Silva

Criação e edição: Luc Comunicação Integrada (11) 5044-6099 Edição: Sonia Cocuiffo Reportagens e textos: Armando Levy, Graziela Silva Direção de arte e Ilustrações: Rodrigo Cadorniga Sistema e preparação de imagens: Daniel T. Fotolitos: PostScript Impressão: Landgraf Tiragem: 19.300 exemplares

A BUNGE INAUGURA UM NOVO SÉCULO DE COMPROMISSO COM O BRASIL



A Bunge comemora 100 anos de Brasil, pronta a inaugurar um novo século de crescimento e expansão. Adalgiso Telles, diretor de Comunicação Corporativa da Bunge Brasil, afirma: "Ao longo da nossa história, acumulamos avanços, pioneirismos, ações de respeito às comunidades que nos cercam e ao país que nos abriga. Sob essas conquistas, ingressamos na rota dos próximos 100 anos, cultivando a capacidade de nos reinventar todos os dias, comprometidos que estamos com o futuro do país e com a perenidade das nossas empresas".

Lastreiam essas certezas a credibilidade e o respeito do mercado que asseguraram posições de peso nos setores de fertilizantes, agronegócio, alimentos e logística. Telles complementa: "Sem dúvida, números e estatísticas são demonstrações do vigor e da saúde das corporações. Para nós, no entanto, eles só fazem sentido quando mantêm como alicerce o princípio da sustentabilidade, viabilizada na Bunge pela promoção do desenvolvimento econômico, da responsabilidade social e ambiental, essências dos nossos valores, firmemente defendidos".



FOTOGRAFIA: FELIPE FERREIRA

O CENÁRIO DE HOJE REVELA AS ROTAS DO AMANHÃ

Integram o grupo Bunge no Brasil: Bunge Fertilizantes, Bunge Alimentos, Fertimport, além da Fundação Bunge. Somadas, as forças dessas empresas traçaram o panorama atual, que retrata os esforços do passado e revela o fôlego reservado ao futuro.

Bunge no Campo sinaliza alguns resultados dessa soma de forças.

- A Bunge Fertilizantes é a maior produtora de fertilizantes da América do Sul e uma das três maiores do mundo.
- A Bunge Alimentos é a maior processadora de soja da América Latina e de trigo do Brasil. É a número 1 no mercado nacional de óleos vegetais, margarinas, gorduras vegetais, farinhas industriais e pré-misturas para panificação.
- No agronegócio, é a maior exportadora do país e a empresa que mais compra soja e trigo dos agricultores brasileiros.
- Apoio, programas de parceria, tecnologia e pesquisa – focados no produtor rural, nos mercados industrial, de consumo final, de panificação e food service – são alvos de investimentos constantes.
- Reconhecida pela excelência em logística empresarial, a Fertimport mantém em operação 11 escritórios no Brasil e 4 na Argentina, que atendem importadores, exportadores, afretadores e armadores de todo o mundo.
- Um contingente de cerca de 11 mil funcionários, um dos maiores do Brasil, é também o pilar da sustentabilidade e da disposição de trabalhar com os olhos voltados para o futuro.

30 de setembro de 1905: a Bunge chegava ao Brasil apostando no crescimento de um país que recebia levadas imensas de imigrantes em busca de um futuro promissor. 30 de setembro de 2005: confirmando o acerto da aposta de milhões de estrangeiros, o Brasil deslança no mercado interno e externo. E é sob a perspectiva de um novo século evolucionista, que a Bunge inaugura seus próximos 100 anos, respaldada pela tradição, mas com olhos firmes no futuro.



CENTRO DE PESQUISA BUNGE